

História Pública, História Digital e o “dever de lembrar”: o Museu do Holocausto de Curitiba em foco

Helena Ragusa¹

Resumo: Parte de um estudo maior, o artigo em questão pretende trazer e discutir as ações e o papel do Museu do Holocausto de Curitiba nos seus mais diversos espaços de atuação e que vão além do espaço físico onde se encontra, promovendo de forma ativa e dialógica uma História Pública plural, digital, democrática, ética e comprometida com as questões atuais, especialmente aquelas que tem de forma acelerada, ininterrupta e por vezes violenta privilegiado narrativas que na contramão dos consensos historiográficos tem trazido novos enquadramentos da memória e comprometido de forma preocupante a produção do conhecimento histórico. Para tal foram levadas em conta as contribuições trazidas não só da História Pública como também, aquelas que compreendem o museu como um “laboratório”, o qual indo na direção do que se espera da universidade, também é capaz de reunir num único espaço, ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Holocausto; Conhecimento histórico; Divulgação; Autoridade Compartilhada.

¹ Doutora em História pela Universidade Estadual de Maringá; Pós-doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR - Campo Mourão. Bolsista CAPES. E-mail: helenaragusagranado@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8354768515854306>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4719-8523>

Public History, Digital History and the “duty of remembrance”: the Holocaust Museum of Curitiba in focus

Abstract: Part of a larger study, the article in question intends to bring and discuss the actions and the role of the Holocaust Museum of Curitiba in its various spaces of action and that go beyond the physical space where it is, promoting actively and dialogically a plural Public History, digital, democratic, ethical and committed to current issues, especially those that have accelerated, uninterrupted and sometimes violent privileged narratives that contrary to historiographical consensus has brought new frameworks of memory and disturbingly compromised the production of historical knowledge. To this end, the contributions brought not only from Public History but also those that comprise the museum as a “laboratory”, which going in the direction expected of the university, is also able to gather in a single space, teaching, research and extension.

Keywords: Holocaust; Historical knowledge; Disclosure; Shared Authority.

Introdução

Parte de um estudo maior, este artigo remonta à minha tese de doutorado intitulada “Representações sobre o judeu na história pública : televisão e cibercultura (2000–2018)”, defendida no ano de 2022. É uma espécie de continuação dos estudos realizados em meu mestrado, onde num primeiro momento busquei perceber como o conhecimento histórico em torno do judeu no Brasil ocorria nos livros didáticos de Históriaⁱ, e depois, ampliando o campo de observação, pensar sobre essa produção não mais na escola, mas fora dela, nos diversos espaços onde ocorre, de preferência para além dos muros acadêmicos e voltada para grandes audiências – assim como se pretende a História Pública. Nesse sentido, o Museu do Holocausto de Curitiba (MHC) tornou-se um desses espaços.

Ao longo de minhas idas e vindas à instituição e também, depois, quando na pandemia da COVID-19, que nos atingiu a todos, o museu, assim como outras instituições, se “teletransportou” para a *Web 2.0*. Contudo, esse processo não foi simples e tampouco uma mera transposição. No período, o contexto estava inundado por uma chuva de discursos de ódio, negacionistas e anti-intelectuais, o que exigiu da instituição um esforço maior, conforme buscarei discutir ao longo deste texto, esforço esse que seguiu em direção a uma “História Pública que queremos”.

Foi em Israel que se deu a construção dos primeiros museus do Holocausto, o primeiro deles, *Ghetto Fighters’ House – Holocaust and Jewish Resistance Heritage Museum* e poucos anos depois o *Yad Vashem – Holocaust Martyrs’ and Heroes Remembrance Memorial*, ambos construídos por sobreviventes. A partir dali outros países ao redor do mundo também passaram a erguer seus próprios museus dedicados à construção dessa memória, chegando até o século XXI.

No Brasil, por meio de uma iniciativa que partiu da Associação Casa de Cultura *Beit Yaacov* e da comunidade israelita de Curitiba, fundou-se o primeiro museu do Holocausto no Brasil, o MHC.

Com expressiva repercussão nacional e internacional, o MHC contou com a presença de lideranças da comunidade israelita brasileira, do Congresso Judaico Latino-americano e também de representantes de lideranças políticas e religiosas.

Aberto ao grande público alguns meses após a inauguração, o museu passou a contar com uma média semanal de 700 visitantes, entre eles grupos espontâneos e estudantes de escolas públicas e particulares.

Foi a partir do desejo de um empresário de origem judaica, filho e neto de vítimas e sobreviventes da *Shoah* e das perseguições perpetradas pelos nazistas ao longo da Segunda Guerra Mundial que surgiu a instituição. Num de seus depoimentos, o idealizador e fundador do primeiro museu do Holocausto no Brasil revela ter percebido “um desconhecimento generalizado” em relação à temática, o que poderia levar ao esquecimentoⁱⁱ.

Contudo, ainda que estabelecidos laços fortes com a comunidade judaica, afinal o MHC ocorre dentro da *Kehilá*ⁱⁱⁱ é importante ressaltar que o MHC não se reconhece como um museu judaico ou um museu feito para judeus, mas sim “um museu que quer ajudar a transformar a história do Holocausto numa memória coletiva que seja universal”^{iv}.

Trata-se, portanto, de um museu que atua a partir da compreensão de que “o Holocausto é uma tragédia judaica (e de outras minorias, em diferentes escalas) e questão humana”^v, ou seja, a memória da *Shoah* serviria então como um “disparador para o engajamento em causas que combatam essas categorias mais amplas”^{vi}.

A preocupação na construção de uma memória justa, de forma a considerar para além das vítimas do Holocausto e do Holocausto judaico – *Shoah*

– todo e qualquer grupo humano que de alguma forma enfrentou e ainda enfrenta a discriminação, o preconceito e o racismo é o propósito da instituição, que usa o Holocausto como exemplo, “mas também todos os genocídios, os outros Holocaustos que existem, tudo aquilo em que nós estamos mexendo com a intolerância”^{vii}, uma forma de entendimento que cruza-se com a ideia de que,

No movimento transnacional dos discursos de memória, o Holocausto perde sua qualidade de índice do evento histórico específico e começa a funcionar como uma metáfora para outras histórias e memórias. O Holocausto, como lugar comum universal, é o pré-requisito para o seu descentramento e seu uso como um poderoso prisma através do qual podemos olhar outros exemplos de genocídio^{viii}.

Com o intuito de tornar-se uma referência na transmissão do Holocausto no Brasil às próximas gerações, Carlos Reis, coordenador-geral do museu, a grande preocupação é pensar “para onde essa memória está sendo levada e como isso vai ser nas próximas gerações, como é que o mundo vai entender o Holocausto daqui a 10, 50, 100, 500 mil anos”^{ix}, uma preocupação válida se for levado em consideração que

Generational change encourages a different frame of reference not least because the young can be resentful about the approach of the old. Episodes from the past become more distant. Today, some still have their resonance, for example World War I and the Holocaust, but in an increasingly decontextualized fashion as far as the circumstances of those episodes are concerned. Instead, the emphasis will be on such episodes as being universal archetypes, however misleading this can be^x.

Nesse sentido, os avanços obtidos nos estudos do Holocausto nas últimas duas décadas têm muito a contribuir. É o que constata o historiador Bruno Leal Pastor de Carvalho, fundador e o editor-chefe do “Café História”, ao divulgar que a

partir de novos documentos e novas abordagens vem surgindo o que chama de uma “nova historiografia do Holocausto” ou, ainda, uma historiografia “multidimensional”^{xi}.

As questões que passam por essa historiografia são muitas e nem todas chegaram ao sul global como bem observa o historiador Karl Schurster (2024) ao referir-se as interpretações que desacomodam a ideia da singularidade do Holocausto^{xii}. Ainda assim, no que toca a articulação entre a história do Holocausto a outras histórias traumáticas, pode-se dizer que o MHC parece alinhado com aquilo que Michael Rothberg (2009) chamou de *multidirectional memory*^{xiii}, na medida em que reconhece outras formas de sofrimento oriundas de outras formas de violência coletiva.

Em 2021, o museu fez parte de um projeto interinstitucional chamado “Vozes contra os genocídios: perspectivas contemporâneas” que uniu organizações, coletivos e grupos sociais que buscaram a partir do evento histórico do Holocausto e de maneira transdisciplinar e interseccional, “trabalhar questões ligadas ao genocídio dos povos negros, quilombola e de terreiro, bem como ao racismo religioso e aos territórios indígenas”^{xiv}.

Nesse mesmo ano, a instituição também promoveu em homenagem aos seus 10 anos de existência a mostra que unia os projetos “*Faces of Aushwitz*” e “Escravidão no Brasil” da artista mineira, Marina Amaral, mundialmente conhecida por utilizar cores para dar “vida” a fotografias em preto e branco. A iniciativa que faz parte do projeto de extensão “Educação, memória e história: o Museu do Holocausto como uma ‘luz sobre o caos’”, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, em Guarapuava, vai de encontro a alguns dos pilares que constituem o alicerce pedagógico do museu, pois, conforme explica Carlos Reiss (2024) trata-se de uma amostra que ao “personificar as vítimas e dialogar com o nosso entorno”, materializa as premissas da instituição^{xv}.

A relevância em se demarcar o esforço científico de trazer possibilidades outras de se pensar o Holocausto, estaria no fato de que, uma vez publicizados, esses estudos, essas ações, podem corroborar para a memória histórica que vem sendo construída em “novos suportes de armazenamento” e que levam a novas formas de “experiência histórica”. Bauer explica:

Not a month passes without the appearance of Holocaust-related books, films, musical works, theatrical productions, and so on. The press, the serious and the less serious alike, is full of debates on Holocaust-related topics. Politicians mention it constantly. The television industry presents shows, documentaries, and conversations about it again and again. Why?^{xvi}

Não faz muito tempo, num estudo anterior, ao longo de minha prática enquanto professora do Ensino Médio numa escola pública situada na cidade de Londrina, no Estado do Paraná, o interesse dos estudantes em relação à temática da Segunda Guerra Mundial chamou a atenção. Muito embora não tivessem muito claro o que de fato teria ocorrido, as referências históricas que até a eles chegavam ou que consumiam e as noções que passaram a ter sobre essa história, quase todas partiam de um único evento: o Holocausto. Em sua lista de filmes, por exemplo, apareceram “O Pianista” (2003), “A Lista de Schindler” (1993), “O menino do pijama Listrado” (2008) e “O Corajoso Coração de Irena Sendler” (2009)^{xvii}.

Tanto o cinema como outras formas de narrativas acerca do Holocausto constituem o rol dos saberes históricos, os quais ainda que não-especializados, no que toca uma formação histórica crítica, pautada na racionalidade, relacionam-se diretamente com a vida prática em suas múltiplas esferas e acréscimo, distantes ou não da história ideal, estão nos códigos culturais desses/dessas estudantes.

São outros “lugares de saberes”, uma história pública que tem um papel no ensino da História, afinal, é na sala de aula onde se percebe um “resumo” das noções que circulam fora desse espaço, algo que faz muito sentido para aqueles que lidam com a Didática da História, atentos a elaboração e recepção dos saberes que circulam na sociedade, como aqueles representados pelos *mass-media*^{xviii}.

Ao mesmo tempo, não se pode perder de vista que “las cuestiones centrales de la cultura contemporánea se ubican precisamente en el umbral entre la memoria del trauma y los medios comerciales”^{xix} e, em geral, “el trauma es comercializado en la misma medida que la diversión e incluso ni siquiera para consumidores tan diferentes”^{xx}.

No Brasil, este é um estudo recente, porém, que tem avançado, algo que se deve não só ao aumento exponencial do negacionismo disseminado principalmente por intermédio da *Internet*^{xxi}, mas também pelas contribuições trazidas por outros espaços onde a memória e a história também são objetos de reflexão e debate, como é o caso do MHC, um desses “mundos variados da história”, “produto de ação coletiva” e que também não está livre dos “dilemas próximos dos da historiografia acadêmica, que se confrontou com o movimento da história pública”^{xxii}.

Sem deixar de lado o “campo ético da representação do Holocausto”, percebi nas ações do MHC uma preocupação quanto à forma como esse ocorre, principalmente em ambientes que independem de uma estrutura física para existirem, como o universo da *Web 2.0* e seus inúmeros “espaços de fluxos”, por onde se expressa e circula o conhecimento histórico que produz.

Na esteira da Nova Museologia^{xxiii}, os museus acabaram rendendo-se ao *ciberespaço*, esse que “encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos

tempos (comunicação assíncrona)^{xxiv}". É um novo conceito de museu, o qual "decorre do nascimento de uma nova sociedade: a sociedade da informação, e da sua cultura"^{xxv}.

Para além da criação de *websites* e considerando o universo hipermidiático como o das redes sociais na *Internet*, os museus passaram a divulgar suas marcas, ampliar seus públicos e as formas de interação com estes.

É dentro desse contexto de renovação tecnológica e cultural na era da informação que surge o MHC. Nas palavras da coordenadora de comunicação e também responsável pelo gerenciamento e pautas das redes sociais *online* do museu, Laura Nicolli, a adesão às redes foi "inevitável", algo que ela atribui a uma:

Percepção da própria instituição sobre como o papel dos museus tem se alterado nos últimos anos e o quanto inevitavelmente é necessário ter uma presença online. A verdade é que é nesse espaço em que cada vez mais nós temos uma vida social, e isso especificamente durante a pandemia só se ampliou porque obviamente as pessoas, a maioria das pessoas, ou pelo menos as que podiam, estavam em casa, isoladas e elas se viram obrigadas a recorrer a esse meio pra, né, ter uma vida social, aprender algo novo, pra fazer uma visita, pra participar de um curso. Então a gente já tinha essa percepção antes, especificamente porque o MHC ele é o primeiro do Brasil, né? E é um tema que as pessoas procuram muito, as pessoas têm muito interesse, então a gente sempre teve, anterior até essa ideia de redes sociais, a gente já percebia o quanto já tinha um alcance grande, o quanto as pessoas tinham um interesse no museu ainda que elas fossem de outros estados ou até mesmo de outros países. A gente já tinha exposições itinerantes que circulavam pelo Brasil também entendendo este desejo por parte do público; a gente sabia que se tivéssemos uma presença grande nas redes sociais, isso só iria se fomentar cada vez mais^{xxvi}.

Laura Nicolli compreende ainda que as redes sociais do MHC serviram como uma espécie de “vitrine” do MHC para aqueles que não conheciam o espaço e o posicionamento do museu, levando a um aumento significativo de seguidores e formando um público cada vez mais diverso.

O *Facebook* foi a primeira rede social do MHC, e não tardou outra de alcance semelhante juntar-se a ele, o *Twitter* – agora conhecida pelo nome de *X* – nelas o museu passou a divulgar sua marca, difundir conhecimento e ampliar seus públicos. Considerando o amplo leque de pesquisas que tais redes possibilitam, optei por analisar a página do MHC em sua conta na rede social *Facebook* e como ela se apresenta, especialmente os modos como ela foi se transformando, ampliando e possibilitando aos internautas a participação nas ações da instituição.

Ressalto ainda que minha sondagem sobre as ações do MHC na rede *Facebook* concentra-se no ano em que completou dez anos de existência, mas principalmente por esse ter sido o período, tal como definiu Luzilete Falavinha Ramos, que atua no setor pedagógico da instituição, de “pós-entrada na pandemia”, de “adaptação da vida remota”, quando o museu buscou “uma forma de manter o espaço vivo e ativo”^{xxvii}.

O MHC na rede social Facebook: uma história pública ativa

Transformar em texto uma rede social não é algo simples, é uma “fonte instável”, mas devo admitir, não “intransponível”. Essa foi a conclusão compartilhada por Dilton Cândido Santos Maynard, em entrevista concedida à Revista Espacialidades, do curso de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, quando investigava uma rede social juntamente a um grupo de alunos. Enquanto historiador, o professor alerta para “os procedimentos clássicos de crítica histórica”, os quais não devem ser perdidos de

vista; no entanto, como em qualquer pesquisa, seja em qual suporte for, o que é obtido “é tão somente aquilo que sobrou de um tempo, de um momento”^{xxviii}.

Mas quando levada para o ambiente digital, não se pode negar que o historiador sofre uma ampliação em sua prática do historiar, de seu campo de observação e de atuação também. Isso porque um novo elemento surge na cena historiográfica contemporânea, o que Anita Lucchesi (2014)^{xxix} identificou como a *Digital History* (nomenclatura estadunidense) ou *Storiografia Digitale* (nomenclatura italiana) e que leva o profissional da História, para além de um giro linguístico, a uma nova esfera pública, uma “esfera pública virtual” em que informações e “deformações” – não que usos e abusos pré-digitais não existissem antes, mas agora de forma bastante aceleradas – impactam diretamente nos modos de interação, do aprender e ensinar e da própria concepção de tempo.

Os impactos também são sentidos nas novas formas de produção do conhecimento, divulgação, e também de público e de opinião pública, essa que por um longo tempo ficou fora da cena historiográfica, mas que muito tem a dizer para nós historiadores principalmente quando a força de coordenação que as redes sociais propiciam e que levam a mobilizações nos mais diversos contextos, ameaçam conquistas já consolidadas, como o sistema democrático e o Estado de Direito.

A página do MHC na rede social *Facebook* está no ar desde 4 de setembro de 2011. De lá para cá o perfil do MHC ganhou novos recursos, maior visibilidade e engajamento, mas não só, os conteúdos selecionados nas postagens respondem também a crise do tempo presente, um tempo de retorno de “tendências antiliberais” e a uma chuva de discursos antidireitos humanos que dentre outras, passou a promover um tipo de história pública “perversa”, recheada de distorções, banalizações, vulgarizações, simplificações e negacionismo acerca do Holocausto.

Notas de repúdio, denúncias, formações, cursos, elaboração de materiais educativos, parcerias com universidades – grande parte delas públicas – eventos, foram incansavelmente divulgados, elaborados, produzidos pela instituição que não se absteve do debate necessário que ao mesmo tempo em que dialoga, contribui para a legitimidade do repertório historiográfico, também enriquece e colabora para uma história que se pretende plural, democrática e ética.

É consenso entre o diretor e coordenador geral do MHC e demais funcionários com os quais tive contato e que atuam em diferentes setores da instituição que as visitas presenciais ao museu são insubstituíveis mas uma das preocupações da equipe seria não perder de vista os pilares educativos do museu: “Transmissibilidade, Ineditismo, Universalismo, Personificação e Vida”^{xxx}.

Figura 1 – Página do MHC em 2021.



Fonte: MHC.

A foto maior, chamada “foto de capa”, é uma “colagem de diversas fotografias em preto e branco de visitantes no Museu do Holocausto de Curitiba”^{xxxi}, um verdadeiro mosaico representando os 10 anos de existência da instituição e

que revela, dentre outras possibilidades de análise, a diversidade do público frequentador. Nela aparecem pessoas de diferentes idades; no entanto, o destaque maior são os jovens, os quais de fato representam boa parte daqueles que visitam o espaço, principalmente estudantes de escolas da rede pública e privada de ensino que semanalmente agendam as visitas.

Já o logotipo da instituição, localizado no canto inferior esquerdo da foto de capa, chamado de “foto do perfil”, traz consigo “informações em branco sobre fundo marrom. O número um aparece ao lado de uma estrela de David pontilhada, a qual acompanha o texto ‘por toda a vida vamos lembrar’. Deste modo, forma-se ‘10’. Muito embora o MHC tenha imagens fixas, a identidade visual da instituição muda conforme as demandas culturais ou sociais que busca atender e que geralmente estão inseridas em sua programação, tais como aquelas voltadas para o mês das crianças; exposições realizadas em parcerias com outros museus ou instituições; datas como o *Yom HaShoa*^{xxxii} ou o “Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto”, etc.

Na aba Página Inicial do MHC, conforme mostra a Figura 1, logo abaixo há um espaço chamado “Pergunte à Página Museu do Holocausto de Curitiba”, o qual oferece ao seguidor, visitante, consulente ou internauta a possibilidade de conversar com o museu ou também tirar dúvidas, quando for o caso. Laura Nicolli, a coordenadora do setor midiático da instituição, que cuida dessa parte, explica que todos os dias mensagens são enviadas, uma média de 2 a três por dia; no entanto, quando possuem relação com alguma postagem realizada pelo museu, como “assuntos mais polêmicos”, notas de repúdio, a demanda aumenta consideravelmente.

Ainda na página de rosto do MHC, na aba “Sobre”, para além da localização que leva o internauta a descobrir o endereço da instituição, há um pequeno texto de apresentação, que diz: “Primeiro Museu do Holocausto no Brasil, voltado a

relembrar as vítimas e alertar as novas gerações sobre os perigos do ódio, da intolerância e do Racismo^{xxxiii}. Nesse mesmo espaço e na última aba, “Mais”, é possível ao consulente seguidor ou visitante da página verificar o índice de audiência e o engajamento do MHC, conforme trazemos no Quadro 1:

Quadro 1 - Informações quantitativas gerais da linha do tempo da página do MHC no período de 04 de setembro de 2011 a 12 de janeiro de 2021.

Informações Linha do Tempo	
Número total de seguidores	50.382 pessoas
Pessoas que fizeram check-in aqui	8.710
Avaliação	4,8 de 5
Número de avaliações	796 pessoas
Número de total de curtidas	49.411 curtidas

Fontes: MHC (Org. da autora).

Na aba “Eventos” o MHC, em ordem cronológica – da mais atual até a mais antiga – disponibiliza as lives, os bate-papos, as Mesas redondas, os Debates Online e as Aulas, que ao longo de 2021 realizou.

Logo ao lado, na aba “Fotos”, um total de 3.212 fotos estão inseridas nos 3 álbuns existentes, além dos Arquivos de dispositivos móveis, como demonstramos no Quadro 2.

Quadro 2 - Informações quantitativas gerais de fotos da página do MHC no período de 04 de setembro de 2011 a 12 de janeiro de 2021.

Informações Fotos	
Número de álbuns	4
Número de imagens no álbum – Fotos do Perfil	43
Número de imagens no álbum – Fotos de Capa	24
Número de imagens no álbum – Fotos da Linha do Tempo	3.041
Arquivos de dispositivos móveis	100

Fontes: MHC (Org. da autora).

Passando para a *Timeline* ou “Linha do Tempo” do MHC, ao longo de 2021 foram 714 postagens. De segunda a sexta-feira, pude verificar que o museu dedica-se a realizar duas a três postagens por dia; aos sábados e domingos as postagens são em menor número. Isso porque, de acordo com a coordenadora do setor, há uma preocupação com o efeito *overposting*, o que comprometeria o alcance dos conteúdos criados na página^{xxxiv}.

No que se refere ao álbum de fotos, aquele que se refere a Fotos da Linha do Tempo na realidade engloba as fotografias e outros tipos de imagens, as quais se encontram no álbum Arquivos de dispositivos móveis, como cartazes de divulgação de eventos; indicações de artigos acadêmicos, livros, filmes e séries; homenagens; notas de falecimento ou imagens com dizeres de sobreviventes e vítimas do nazismo; divulgação de exposições e eventos realizados pelo MHC; premiações e comemorações; divulgação de poemas ou imagens acompanhadas de frases que se referem aos marcos da política nazista e fotografias de visitantes carregando dizeres elaborados pelo MHC.

As Fotos do Perfil correspondem em geral às logos do MHC, as quais podem ser comemorativas, como aquelas que trazem o aniversário do museu; festas e ritos judaicos; campanhas nas quais o museu se engaja, como é o caso da campanha “Outubro Rosa”; homenagens ao mês das mulheres, da criança, do Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial e outras que perpassam pelas questões com as quais o museu dialoga, se abre e reflete, no sentido de acompanhar os desafios que diariamente surgem na contemporaneidade, compreendendo que

A backward glance at museum development shows that museums only fully develop their potential for action when they are actually involved in the major problems of contemporary society. Museums are institutions intended to serve society and only thus can they continue to exist and function^{xxxv}.

O último álbum de fotos do MHC, *Fotos de Capa*, é composto de imagens e fotografias que representam e fazem o *marketing* do museu. De tempos em tempos são trocadas, ou seja, elas permanecem durante o tempo do evento, da comemoração, da homenagem que a instituição deseje que dure.

No Quadro 3 é possível ter uma noção da programação semanal dos conteúdos definidos em pauta pelos que atuam no departamento de mídia da instituição. Diariamente o MHC realiza postagens em sua linha do tempo ou também nos *stories* com dicas que promovem uma maior aproximação com a instituição, ao mesmo tempo em que possibilitam uma interação maior entre os visitantes e seguidores do museu:

Quadro 3 – Programação semanal de publicações quanto aos conteúdos criados e postados pelo MHC. 01 de janeiro de 2021 a 31 de dezembro de 2021

Programação semanal de publicações quanto aos conteúdos criados e postados pelo MHC	
Segunda-feira	Filme
Terça-feira	Livro
Quarta-feira	Sugestão de leitura/você sabia
Quinta-feira	Depoimento
Sexta-feira	Sem conteúdo fixo
Sábado	Sem conteúdo fixo

Fontes: MHC (Org. da autora).

Os critérios que definem as pautas que geram os conteúdos a serem postados pelo museu passam pela noção daquilo que Laura Nicolli chama de “responsabilidade histórica”, devendo também dialogar com a linha pedagógica da instituição, a qual, segundo o coordenador do Departamento de História da instituição Michel Ehrlich, procura não contar:

Uma história com 6 milhões de mortos, mas sim milhões de história de indivíduos, a ideia é contestar a lógica nazista não só no conteúdo que é óbvio, mas na forma própria forma de narrar a História: então, se os nazistas massificam, tratam

como se fossem números, nós vamos personificar, vamos colocar rostos, nomes e sobrenomes de volta para essas pessoas^{xxxvi}.

A ideia, portanto, é evitar *posts* que tragam o que chama de “pornografia do Holocausto”, ou seja, imagens fortes, degradantes ou que tiram a dignidade da vítima”.

Outros critérios também determinam os conteúdos a serem criados, postados ou divulgados na página do museu, como os “contextuais”, que seriam aqueles relacionados àquilo que está circulando nas mídias sociais, como notícias, séries e filmes, por exemplo, e que vêm despertando audiência sobre o grande público. A coordenadora explica que ficam de fora da lista produções que ironizam, banalizam ou fazem paródia com a temática do Holocausto, bem como aqueles de forte cunho histórico, mas que, por vezes, são polêmicos, especialmente quando refutados pela academia.

Um desses casos, teria sido a divulgação feita pelo MHC em sua página no *Facebook* sobre a minissérie *Passaporte para Liberdade*, exibida pela *Rede Globo de televisão* no final de 2021. Na produção, Aracy de Carvalho Guimarães Rosa é retratada como uma heroína por ter emitido vistos irregulares no consulado do Brasil em Hamburgo, salvando centenas de judeus que desejavam fugir da Alemanha nazista. No entanto, ainda que à brasileira tenha sido outorgado o título de «Justos entre as Nações» historiadores indicam a questão como um pouco mais complexa, como “as razões pelas quais se passou a atribuir ao consulado brasileiro em Hamburgo ação humanitária a favor de judeus perseguidos”^{xxxvii}.

Em meio a essas postagens estão também as parcerias que o MHC divulga, realiza e transmite em sua página do *Facebook* com universidades de diferentes regiões do Brasil. A parceria se estende também aos professores de escolas públicas e privadas que atuam nos diferentes níveis de ensino e que se dedicam

aos temas ligados a intolerância, preconceito, racismo, antissemitismo, Holocausto ou a *Shoah*; eles são recorrentemente convidados pelo MHC para expor os trabalhos que realizam com os estudantes ou também participar de lives exibidas ao vivo na rede.

Se “a História é um terreno de muitas narrativas concorrentes”^{xxxviii}, as ações do MHC seguem no sentido oposto, o da cooperação ou, fazendo jus àquilo que desde o início desta tese venho discutindo, ou seja, a noção da *autoridade compartilhada*^{xxxix}.

No ano de 2021 juntamente com as instituições de ensino superior, Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade de Pernambuco (UPE), o museu promoveu o 1º Congresso Internacional sobre Ensino do Holocausto e Educação em Direitos Humanos^{xl}. Inédito, o evento que durou três dias atraiu participantes daqui e também de outros países, ultrapassando a marca de – entre ouvintes e comunicadores – 100 inscritos. Em meio à pandemia, o Congresso, que foi realizado em formato *online* – passando pelas inscrições, abertura, conferências e o encerramento –, teve ampla divulgação iniciada meses antes de o evento começar, o que teria gerado uma série de compartilhamentos.

Outros tipos de parcerias cada vez mais frequentes vêm se dando entre o MHC e o meio acadêmico. As pautas que mais têm se destacado no rol das atividades e ações promovidas pela instituição têm uma profunda relação com as políticas de memória oriundas dos processos sociais traumáticos, a exemplo do Holocausto e da *Shoah*, que, a partir da segunda metade do século XX, afetaram fortemente os museus.

Atento ainda à divulgação que o MHC realiza em suas redes de artigos acadêmicos – grande parte deles escritos por historiadores – publicados em revistas científicas e que abordam questões ligadas à temática do nazismo e seus desdobramentos, uma ação que ainda deixa a desejar no que toca à maior parte

das Universidades e vai contra a direção tomada pela História Pública, a qual compreende que *creating a museum, or an exhibition, or a television series can never be a one-woman show. Collective work is how it's done.*

Considerações

Ao levar a produção acadêmica para fora dos muros da academia, para o grande público, o museu tem conseguido algo que, por exemplo, “nunca o historiador teve meios suficientes para alcançar”: “um público tão amplo e heterogêneo”^{xli}.

A escrita da história que nos traz o museu ocorre em espaços onde se elaboram as experiências históricas e onde as relações sociais e políticas estão imbricadas e que remonta muitas das vezes a “uma arena de disputas vigorosas, na qual adversários ideológicos lutam pelo legado, patrimônio e memória pública de acontecimentos ocorridos há muito ou há pouco tempo, e que ainda estão se desdobrando”^{xlii}.

Mais do que isso o MHC cumpre com o objetivo de transmitir o Holocausto às próximas gerações e compreende bem de qual transmissão está a tratar, amparada por um forte aporte educativo conceitual, com pressupostos teóricos consistentes ao mesmo tempo que atualizado. Que une memória, educação e pesquisa dentro de uma proposta museológica plural, democrática, ética e comprometida com a produção do conhecimento histórico, sem perder de vista os diversos suportes e linguagens por onde sua divulgação ocorre bem como a ideia de público.

Na busca dessa memória enquanto agente transformador, o papel do historiador parece fundamental, não só no sentido de averiguação do passado, mas também em sua problematização; não só na função de arquivista, mas enquanto aquele que está na organização da exposição, do acervo e outras

atribuições, como assessoria na elaboração de materiais didáticos e a catalogação de sobreviventes no Brasil, não é à toa que o MHC possui um departamento de História, retirando-a do “porão”, trazendo-a à tona para que de fato ocorra um vínculo com o conhecimento histórico.

A história contada no museu reforça a ideia de que *a Public history can cross boundaries*^{xliii}. Esse “encontro”, essa “harmonia” entre museu e Universidade e que especialmente nos tempos da COVID19, ocorreu tanto no “virtual, aberto, plástico”^{xliv}, ambiente das redes, quanto fora delas remete a uma história pública ativa capaz de aproximar a temática do Holocausto – essa que integra aquilo que Bodo von Borries compreende como História Difícil/Traumática – do público, de modo a inserir-se no contexto social^{xlv}.

No campo do político, podemos parar um pouco e pensar que as representações que se tem sobre o Holocausto, promovem intencionalidades políticas, ou seja, se há uma história contaminada pelo negacionismo e sabemos que há, se existem distorções, banalizações, “vulgarizações” sobre essa história, a tendência é de que ajam ações neste sentido, o que pressupõe a relação entre conhecimento histórico na sua relação com a política. A formação histórica também pressupõe construir a “competência prática de empregar o conhecimento histórico na análise, no julgamento e no tratamento dos problemas do presente”^{xlvi}.

O passado, embora seja o foco, não pode desprender-se do presente e do futuro, já que se situar em uma temporalidade implica em intencionalidades. Em tempos extremos – mas não só – de avanços de uma extrema direita perigosa, perversa a qual infelizmente não ficamos imunes, as ações e o trabalho do MHC seguiram e seguem na direção de construir perguntas e respostas em que o passado pode ser “apropriado produtivamente” e então, “se tornar um fator de determinação cultural da vida prática”^{xlvii}. Uma forma histórica de interpretar a

realidade que em muito contribui ao “atualizar os potenciais racionais” para o reconhecimento, adoção e defesa de convicções e pretensões^{xlviii} no sentido de produzir ações que possibilitem a mudança de si e do mundo, o que subentende uma perspectiva de futuro, o que implica necessariamente nas práxis e envolve questões políticas.

Notas

ⁱ O estudo foi finalizado em 2012 e em 2019 a dissertação acabou sendo publicada pela Universidade Estadual de Londrina, sob o título: “Os cristãos-novos no Brasil colonial e a escrita nos livros didáticos: uma história a ser contada”.

ⁱⁱ TV ÉPARANÁ. **Gente.com**. Miguel Krigsner. Curitiba, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hfi6yDrsg5E&t=1283s>. Acesso em: 22 maio 2018.

ⁱⁱⁱ Do hebreu, “comunidade religiosa” (PINKUSS, Fritz. A criatividade de 19 Séculos da Diáspora Judaica. **Revista de História (RH)**, v. 35, n. 71, p. 3-18, 1967. p. 04 <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/126419/123312>. A sede do MHC está dentro da Sinagoga, onde também se encontra a Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann e o clube hebraico.

^{iv} REISS, Carlos. Museu do Holocausto de Curitiba. [Entrevista cedida a] Museu do Holocausto de Curitiba – ComTV UFPR, Curitiba, 7 dez. 2015, 1’43”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5kQkGQb_w94.

^v LEWGOY, Bernardo. **Holocausto, trauma e memória**. WebMosaica, v. 2, n. 1, p. 50-56, 2010, p. 51).

^{vi} EHRlich, Michel. Trauma, transmissão e (re)construção: memórias da Shoah na comunidade judaica curitibana no pós-guerra. **Aedos**, v. 11, n. 24, p. 285-307, 2019, p. 304.

^{vii} Fundador do MHC em entrevista a uma emissora de TV quando da inauguração do museu (KRIGSNER, Miguel. Curitiba inaugura o primeiro Museu do Holocausto do Brasil. [Entrevista cedida a] SBT Manhã. SBT, 23 dez. 2011, 0’33”. Disponível em: <https://www.youtubE.Com/watch?v=Wa4yCY12hsc>.

^{viii} HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Arquitetura, monumento, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 13.

^{ix} Carlos Reiss. A entrevista foi feita via google *meet*, respeitando o distanciamento social.

^x “A mudança geracional incentiva um quadro de referência diferente, até porque os jovens podem ficar ressentidos com a abordagem dos mais velhos. Episódios do passado ficam mais distantes. Hoje, alguns ainda têm sua ressonância, por exemplo, a Primeira Guerra Mundial e o Holocausto, mas de forma cada vez mais descontextualizada no que diz respeito às circunstâncias desses episódios. Em vez disso, a ênfase estará em episódios como arquétipos universais, por mais enganoso que isso possa ser”. Ver: BLACK, Jeremy. **The Holocaust: History and Memory**. Bloomington, IN: University Press, 2016, p. 246.

- ^{xi} CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Nova historiografia do Holocausto. **Café História**, Brasília, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/https-www-cafehistoria-com-br-nova-historiografia-do-holocausto/>.
- ^{xii} SCHURSTER, Karl. Um evento incomparável? A questão da singularidade do Holocausto e a assimilação do passado (Artigo). In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/a-singularidade-do-holocausto-e-a-assimilacao-do-passado/>.
- ^{xiii} ROTHBERG, M. **Multidirectional Memory**: Remembering the Holocaust in the Age of Decolonization. Stanford: Stanford University Press. 2009.
- ^{xiv} Disponível em: https://www.facebook.com/MuseuShoaCuritiba/photos/a.110183039088942/4231620813611790/?type=3&_rdr
- ^{xv} Disponível em: <https://pinhais.atende.net/cidadao/noticia/pinhais-recebe-exposicoes-faces-of-auschwitz-e-escravidao-no-brasil>.
- ^{xvi} “Não passa um mês sem o aparecimento de livros, filmes, obras musicais, produções teatrais e assim por diante relacionados ao Holocausto. A imprensa, tanto a séria como a menos séria, está cheia de debates sobre tópicos relacionados ao Holocausto. Os políticos mencionam isso constantemente. A indústria da televisão apresenta programas, documentários e conversas sobre o assunto repetidas vezes. Por que?”. Ver: BAUER, Yehuda. *Rethinking the Holocaust*. New Haven and London: Yale University Press, 2001, p. XI.
- ^{xvii} GRANADO, Helena Ragusa. Um relato de experiência: a Segunda Guerra Mundial no ensino de história do Ensino Médio. In: RAMOS, Marcia Elisa Teté (org.). **Conhecimento histórico escolar**: sujeitos, práticas, suportes. Maringá: Edições Diálogos, 2019. p. 47-70.
- ^{xviii} BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**. V.9, n.19, set.89/fev.90, p. 29-42.
- ^{xix} “As questões centrais da cultura contemporânea situam-se justamente no limiar entre a memória do trauma e a mídia comercial”. Ver: HUYSSSEN, Andreas. En busca del tiempo futuro. **Revista Puentes**, v. 1, n. 2, p. 12-29, 2000b, p. 20. Disponível em: <https://www.comisionporlamemoria.org/archivos/puentes/02puentes.pdf>.
- ^{xx} É que o trauma é comercializado na mesma medida que a diversão e mesmo para consumidores tão diferentes” (ibid., p. 20). (Tradução livre).
- ^{xxi} Nos estudos da antropóloga Adriana Abreu Magalhães Dias, a qual pormais de uma década investigou e monitorou o nazismo no Brasil na Internet, em tom preocupante, ela afirmava ocorrer “uma postagem antissemita a cada quatro segundos; uma postagem racista contra negros, pessoas com deficiência e LGBTs a cada 8 segundos”. Ver: DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Um mergulho no universo neonazista. [Entrevista cedida a] Luiz Sugimoto. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 28 set. 2018, p. 1. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/09/28/um-mergulho-no-universo-neonazista>.
- ^{xxii} KNAUSS, Paulo. Quais os desafios dos museus em face da história pública. In: MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.). **Que História Pública Queremos? What Public History Do We Want?** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 323-330, p. 144.

- ^{xxiii} Ou Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), sobre essa questão, indico Judite Santos Primo e seu estudo acerca da museologia contemporânea: Ver: PRIMO, Judite Santos. To think museology today. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 27, p. 27, p. 63-89, 2007. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/442>.
- ^{xxiv} LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1999, p. 49.
- ^{xxv} LLUSSÀ, Xavier. O design do museu na sociedade da informação. **Ciberpesquisa** – Centro de Estudos e Pesquisas em Cibercultura do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, v. 2, v. 1, n. 17, p. 1, jun. 2002. Disponível em: <http://museusvirtuais.blogspot.com/2006/05/o-design-do-museu-na-sociedade-da.html>.
- ^{xxvi} Entrevista feita com Laura Nicolli. As entrevistas realizadas com a coordenadora do setor de mídias do MHC foram realizadas em duas etapas distintas: a primeira delas pessoalmente, na própria sede do museu, e a segunda feita por e-mail, respeitando o distanciamento social (NICOLLI, Laura. [Entrevista cedida a] Helena Ragusa Granado. Curitiba: MHC, 12 jul. 2018).
- ^{xxvii} RAMOS, Luzilete Falavinha. [Entrevista cedida a] Helena Ragusa Granado. Curitiba, 10 out. 2021. (via *Google Meet*).
- ^{xxviii} MAYNARD, Dilton Cândido Santos. [Entrevista cedida à] Revista Espacialidades. **Revista Espacialidades** v. 14, n. 1, p. 88-95, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17802/11631>.
- ^{xxix} LUCCHESI, Anita. **Digital history e storiografia digitale**: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- ^{xxx} REISS, Carlos. **Luz sobre o Caos**: educação e memória do Holocausto. Curitiba: 7 letras, 2018, p. 14.
- ^{xxxi} MHC, op. cit., 2021a.
- ^{xxxii} Dia de Recordação da Bravura e da Shoah, o *Yom Hashoá*, criado em 1959, por Yitzhak Ben-Zvi, segundo presidente de Israel, tem como referência o Levante do Gueto de Varsóvia, ocorrido em abril de 1943. Ver: GHERMAN, Michel. Parar para lembrar: um olhar sobre *Yom Hashoá*. Instituto Brasil-Israel (IBI). São Paulo, 2018. Disponível em: <http://institutobrasilisrael.org/colunistas/michel-gherman/geral/parar-para-lembrar-um-olhar-sobre-yom-hashoa>.
- ^{xxxiii} MHC. Museu do Holocausto de Curitiba. Sobre. Curitiba, 4 set. 2021d. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuShoaCuritiba/about/>.
- ^{xxxiv} Nicolli, op. cit., 2021.
- ^{xxxv} “Um olhar para trás sobre o desenvolvimento do museu mostra que os museus só desenvolvem plenamente seu potencial de ação quando estão realmente envolvidos nos principais problemas da sociedade contemporânea. Museus são instituições destinadas a servir a sociedade e só assim elas podem continuar a existir e funcionar”. Ver: JELINEK, Jan. The Modern, living museum. **Museum International**, v. 27, n. 2, p. 51-89, 1975, p. 52-60. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1111/muse.12057>. (Tradução livre).

- ^{xxxvi} EHRLICH, Michel. [Entrevista cedida a] Helena Ragusa Granado. Curitiba, 10 jul. 2018.
- ^{xxxvii} KOIFMAN, Fabio; AFONSO, Rui. Os vistos concedidos no consulado do Brasil em Hamburgo: 1938-1939. In: MILGRAM, Avraham; KOIFMAN, Fabio; FALBEL, Anat. **Judeus no Brasil: História e Historiografia. Ensaio em Homenagem a Nachman Falbel**. Rio de Janeiro: Garamond, 2021. p. 123-156, p. 128.
- ^{xxxviii} KNAUSS, Paulo, op. cit., p. 140.
- ^{xxxix} FRISCH, Michael. A História Pública não é uma via de mão única ou De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-69.
- ^{xl} MHC. Museu do Holocausto de Curitiba. CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE ENSINO DO HOLOCAUSTO E EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS. 1., Curitiba, 21, 23 nov. 2021g. Disponível em:
<https://www.museudoholocausto.org.br/congresso/?fbclid=IwAR0phEGTugFB0v7xUgk12VZlYjAyO3pq8fBnoVGUIFIZr5S-63OZorIRHQo>.
- ^{xli} CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista Transversos**, v. 7, p. 35-53, 2016, p. 7.
- ^{xlii} ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAL, Marta G. de O. (org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 53-63.
- ^{xliii} "História Pública pode cruzar fronteiras". Ver: WINTER, Jay Murray. Public History and Historical Scholarship. **History Workshop Journal**, n. 42, p. 169-172, 1996. p. 70.
<http://www.jstor.org/stable/4289472>.
- ^{xliiv} ROSSATO, Janine Inez. A vontade de lembrar e a vontade de esquecer. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (org.). **Museus Nacionais e os desafios do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011. p. 9-21, p. 13.
- ^{xliv} BORRIES, Bodo von. Coping with burdening history. In: BJERG, Helle; LENZ, Claudia; THORSTENSEN, Erik (ed.). **Historicizing the uses of the past**. Scandinavian Perspectives on History Culture. Historical Consciousness and Didactics of History Related to World War II. Bielefeld: Transcript Verlag, 2011. p. 165-185.
- ^{xlvi} RÜSEN, Jörn. História Viva: **Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. p. 45.
- ^{xlvii} Idem.
- ^{xlviii} Ibid. p. 102.

Referências

- BAUER, Yehuda. **Rethinking the Holocaust**. New Haven and London: Yale University Press, 2001.
- BEIT LOHAMEI HAGHETAOT. **About the Ghetto Fighters' House**. Akko, Israel: Lohamei Haghetaot, 2020. Disponível em: https://www.gfh.org.il/eng/About_the_Museum.

BLACK, Jeremy. **The Holocaust: History and Memory**. Bloomington, IN: University Press, 2016.

BORRIES, Bodo von. Coping with burdening history. In: BJERG, Helle; LENZ, Claudia; THORSTENSEN, Erik (ed.). **Historicizing the uses of the past. Scandinavian Perspectives on History Culture. Historical Consciousness and Didactics of History Related to World War II**. Bielefeld: Transcript Verlag, 2011. p. 165-185.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista Transversos**, v. 7, p. 35-53, 2016.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Nova historiografia do Holocausto. **Café História**, Brasília, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/https-www-cafehistoria-com-br-nova-historiografia-do-holocausto/>.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Um mergulho no universo neonazista. [Entrevista cedida a] Luiz Sugimoto. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 28 set. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/09/28/um-mergulho-no-universo-neonazista>.

EHRlich, Michel. **[Entrevista cedida a]** Helena Ragusa Granado. Curitiba, 10 jul. 2018.

EHRlich, Michel. Trauma, transmissão e (re)construção: memórias da Shoah na comunidade judaica curitibana no pós-guerra. **Aedos**, v. 11, n. 24, p. 285-307, 2019.

FRISCH, Michael. A História Pública não é uma via de mão única ou De A *Shared Authority* à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-69.

GRANADO, Helena Ragusa. **Representações sobre o judeu na história pública: televisão e cibercultura (2000-2018)**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Maringá, 2022.

GHERMAN, Michel. Parar para lembrar: um olhar sobre Yom Hashoá. **Instituto Brasil-Israel (IBI)**. São Paulo, 2018. Disponível em:

<http://institutobrasilisrael.org/colunistas/michel-gherman/geral/parar-para-lembrar-um-olhar-sobre-yom-hashoa>.

HUYSEN, Andreas. En busca del tiempo futuro. **Revista Puentes**, v. 1, n. 2, p. 12-29, 2000b.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória. Arquitetura, monumento, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KNAUSS, Paulo. Quais os desafios dos museus em face da história pública. In: MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.). **Que História Pública Queremos? What Public History Do We Want?** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 323-330.

KOIFMAN, Fabio; AFONSO, Rui. Os vistos concedidos no consulado do Brasil em Hamburgo: 1938-1939. In: MILGRAM, Avraham; KOIFMAN, Fabio; FALBEL, Anat. **Judeus no Brasil: História e Historiografia. Ensaios em Homenagem a Nachman Falbel**. Rio de Janeiro: Garamond, 2021. p. 123-156.

KRIGSNER, Miguel. Curitiba inaugura o primeiro Museu do Holocausto do Brasil. [Entrevista cedida a] SBT Manhã. **SBT**, 23 dez. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wa4yCYI2hsc>.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1999.

LEWGOY, Bernardo. Holocausto, trauma e memória. **WebMosaica**, v. 2, n. 1, p. 50-56, 2010.

LLUSSÀ, Xavier. O design do museu na sociedade da informação. **Ciberpesquisa – Centro de Estudos e Pesquisas em Cibercultura do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia**, v. 2, n. 1, p. 1, jun. 2002.

LUCCHESI, Anita. **Digital history e storiografia digitale: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. [Entrevista cedida à] Revista Espacialidades. **Revista Espacialidades** v. 14, n. 1, p. 88-95, 2018.

MHC. Museu do Holocausto de Curitiba. **CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE ENSINO DO HOLOCAUSTO E EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS**. 1, Curitiba, 21, 23 nov. 2021g. Disponível em: <https://www.museudoholocausto.org.br/congresso/?fbclid=IwAR0phEGTugFB0v7xUgk12VZlyjAyO3pq8fBnoVGUIFIZr5S-63OZorlRHQo>.

MHC. **Museu do Holocausto de Curitiba**. Curitiba, 2021a. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuShoaCuritiba>.

MHC. Museu do Holocausto de Curitiba. **Eventos**. Curitiba, 2021e. Disponível em: https://www.facebook.com/MuseuShoaCuritiba/events/?ref=page_internal.

MHC. Museu do Holocausto de Curitiba. **Por toda a vida vamos lembrar – 10**. Curitiba, 1 nov. 2021b. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuShoaCuritiba/photos/a.100470583393521/4532333816873820>.

MHC. Museu do Holocausto de Curitiba. **Sobre**. Curitiba, 4 set. 2021d. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuShoaCuritiba/about/>.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? **Revista Memória em Rede**, v. 2, n. 3, p. 14-26, ago./nov. 2010.

MILGRAM, Avraham. Entrevista com Avraham Milgram. [Entrevista cedida a] Michel Gherman. **Revista Eletrônica do NIEJ**, ano 2, n. 4, p. 3-29, 2011.

NICOLLI, Laura. **[Entrevista cedida a]** Helena Ragusa Granado. Curitiba: MHC, 12 jul. 2018.

NICOLLI, Laura. **[Entrevista cedida a]** Helena Ragusa Granado. Curitiba, 10 dez. 2021. (via WhatsApp).

PINKUSS, Fritz. A criatividade de 19 Séculos da Diáspora Judaica. **Revista de História (RH)**, v. 35, n. 71, p. 3-18, 1967.

PRIMO, Judite Santos. To think museology today. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 27, p. 27, p. 63-89, 2007. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/442>.

RAGUSA, Helena. **Os Cristãos Novos no Brasil Colonial e a Escrita nos livros Didáticos: uma história a ser contada**. Londrina: EDUEL, 2019.

RAMOS, Luzilete Falavinha. **[Entrevista cedida a]** Helena Ragusa Granado. Curitiba, 10 out. 2021. (via *Google Meet*).

REISS, Carlos. **[Entrevista cedida a]** Helena Ragusa Granado. Curitiba, 12 out. 2021. (via *Google Meet*).

REISS, Carlos. **Luz sobre o Caos: educação e memória do Holocausto**. Curitiba: 7 letras, 2018.

REISS, Carlos. Museu do Holocausto de Curitiba. **[Entrevista cedida a]** Museu do Holocausto de Curitiba – **ComTV UFPR**, Curitiba, 7 dez. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5kQkGQb_w94.

ROSSATO, Janine Inez. A vontade de lembrar e a vontade de esquecer. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (org.). **Museus Nacionais e os desafios do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011. p. 9-21.

ROTHBERG, M. **Multidirectional Memory: Remembering the Holocaust in the Age of Decolonization**. Stanford: Stanford University Press. 2009.

SCHURSTER, Karl. Um evento incomparável? A questão da singularidade do Holocausto e a assimilação do passado (Artigo). In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/a-singularidade-do-holocausto-e-a-assimilacao-do-passado/>.

TV ÉPARANÁ. **Gente.com. Miguel Krigsner**. Curitiba, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hfi6yDrsg5E&t=1283s>.

WINTER, Jay Murray. Public History and Historical Scholarship. **History Workshop Journal**, n. 42, p. 169-172, 1996.

YAD VASHEM. **The World Holocaust Remembrance Center**. Jerusalem, 2020.

ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta G. de O. (org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 53-63.

Submissão: 10/05/2024
Aprovado: 05/10/2024
Publicado: 24/01/2025